

O significado de Brasília para a humanidade

Jorge Werthein

Brasília acaba de completar 37 anos. É, cada vez mais, uma grande cidade, com todas as implicações daí decorrentes. O exemplo mais recente e dramático disso nos foi dado pelo bárbaro assassinato do índio pataxó Galdino, no dia 20. O fato vem sendo tratado pelos meios de comunicação com a competência e correção que caracterizam o jornalismo local.

O crime revoltou e deixou perplexos a todos que se sentem imbuídos de solidariedade humana. Que morador de Brasília, admirador da cidade — como eu — não se flagrou, nestes dias, meditando sobre o que teria levado jovens brasilienses, pessoas e cidade criados sob o signo da esperança, tamanha crueldade? É muito difícil pensar na cidade, festejar seus 37 anos, sem lembrar do ocorrido. Na verdade, penso que tentar dissociar as duas coisas é tão equivocado quanto pretender ver um nexo causal entre ambas.

Ao longo dos últimos anos, a Unesco, que nasceu dos escombros da Segunda Guerra Mundial com o

objetivo e a tarefa de contribuir para a construção de um mundo mais humano através da promoção da educação, da ciência e da cultura, tem intensificado seus esforços em favor da construção de uma Cultural de Paz. Não se trata apenas de tentar evitar os conflitos internacionais, mas toda e qualquer forma de violência, um fenômeno social a respeito do qual conhecemos tão pouco.

Quando penso em Brasília, a primeira idéia que me ocorre é a de Patrimônio da Humanidade. Não porque ela esteja inscrita entre os sítios do mundo assim considerados pela Unesco, mas porque poucas obras humanas chegaram a representar de forma tão concreta nossos ideais, realizações e também (devemos admiti-lo) nossas fraquezas. Não quero que este artigo assumo um tom de desencanto, sentimento que não compartilho em relação à cidade ou à vida. Os anos passados no Brasil matizaram com algumas das características psicossociais de seu povo minha adesão à utopia humana.

Brasília é a expressão urbanística

do que entendo por utopia: não um sonho irrealizável do qual devemos nos afastar, mas um objetivo que, como o horizonte, se transforma e se renova à medida que dele nos aproximamos. Neste ano, aliás, temos muito o que comemorar em relação a cidade: são 40 anos de concepção do Plano Piloto e 90 de admirável vigor criativo de Oscar Niemeyer. Ainda em 1997, o Instituto Brasileiro do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional chega aos 60 anos de inestimável trabalho de preservação da cultura brasileira e universal.

Em dezembro, Brasília completa seu primeiro decênio como “Patrimônio Cultural da Humanidade”, titulação conferida pela Unesco ao reconhecer a proposta extraordinária da cidade em termos urbanísticos e artísticos. Dentre os mais de 500 sítios que integram o Patrimônio Mundial, a capital brasileira, obra do gênio combinado de JK, Lúcio Costa e Niemeyer, é o único erigido neste século.

A justificativa para a excepcionalidade de Brasília pode ser encontrada

na breve nota que identifica a cidade na relação disponível na Internet de sítios que integram o Patrimônio da Humanidade: “Brasília, uma capital criada *ex nihilo* no centro do país em 1956, é um marco na história do planejamento urbano. O urbanista Lúcio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer pretenderam que tudo, do *layout* das áreas residenciais e administrativa — freqüentemente comparado com um pássaro — à simetria dos próprios edifícios pudesse refletir o desenho harmônico da cidade, na qual os prédios oficiais são notavelmente imaginativos”. Inspirado nessa passagem, penso que, além dos motivos urbanísticos e arquitetônicos propriamente ditos, devemos encarar Brasília como Patrimônio da Humanidade também sob o aspecto de intensa busca da harmonia, em todos os sentidos. Não deixemos que as adversidades do momento nos desviem deste objetivo.

■ Jorge Werthein é representante da Unesco no Brasil e coordenador do Programa Unesco Mercosul